



Um podcast original da Rádio Novelo

Episódio 40

## Quem conta a história

**Branca Vianna:** Tá começando o Rádio Novelo Apresenta.

Eu sou a Branca Vianna.

A regra é clara: toda história, pra continuar viva, precisa ser contada.

Precisa ser lembrada, reforçada, re-narrada, refeita, repensada... mas não pode deixar de contar.

Se não, ela vai ficando pelo caminho.

Vai sendo levada pela correnteza do tempo.

Só que não depende só da gente.

Tem histórias nossas que a gente consegue contar, e tem histórias nossas que só podem ser contadas por outras pessoas.

Seja porque tem coisa que a gente não consegue enxergar, seja porque tem histórias que só dá pra contar, que só dá pra entender, quando a gente já partiu dessa para a melhor.

E aí quem é que fica pra levar a história pra frente?

Bom, o primeiro ato de hoje, no caso, vai ser contado pelo Tiago Rogero.

---

## ATO 1

**Tiago Rogero:** Em 1973, um dramaturgo brasileiro foi ao Peru participar de um programa de alfabetização do governo local.

A ideia era usar o teatro como ferramenta de ensino pra adultos que não sabiam ler e escrever.

Daí foram lá encenar uma peça e a história era sobre uma mulher...

**Cecilia Boal:** ...que ela não sabia ler, trabalhava como doméstica, e que o marido, que trabalhava na construção, ele dizia, e pegava todo o dinheiro dela, porque ele falava que em outro povoado mais distante ele estava fabricando uma casa para os dois e para a família deles. E ele dava sempre para ela uns papéis que ele falava que eram os recibos do dinheiro que ela entregava para comprar material de construção. Aí, um dia a senhora começou a desconfiar e chamou uma vizinha e pediu para ela ler o que estava escrito nos recibos. E a senhora falou: "Mas isto aqui não é recibo de nada. Teu marido tem outra mulher. Essas são cartas de amor que a mulher está mandando para ele. E essa casa que ele está construindo com teu dinheiro é para ele e para pra amante dele morarem juntos. Não tem nada a ver com você". Então, a peça acabava aí com essa pergunta que é lançada para o público: O que vocês fariam se você estivesse no meu lugar? Aí as pessoas gritavam da plateia e os atores representavam. Uma gritava: Tem que separar imediatamente! Aí os atores começavam: chega o marido; - Não, eu quero me separar porque você está me traindo. Então ele falava: - Tá bom, então você vai ficar sozinha e eu vou embora com a outra. Aí o público gritava de novo, "não, não pode separar, porque a gente mora numa comunidade, muito malvisto aqui uma mulher que fica sozinha". E assim ia.

**Tiago Rogero:** Daí no meio da plateia tinha uma senhora em especial que tava muito inquieta.

**Cecilia Boal:** tava remoendo na cadeira, que não se aguentava mais...

**Tiago Rogero:** E o diretor da peça, o dramaturgo brasileiro, percebeu aquilo e foi falar direto com ela.

**Cecilia Boal:** ...Minha senhora, estou vendo que a senhora quer falar alguma coisa, o que que é? A senhora fala e atriz vai fazer.

**Tiago Rogero:** E a senhora falou o que que ela achava que a atriz tinha que fazer.

**Cecilia Boal:** "...tem que ter uma conversa muito clara com ele. Muito clara". Então a atriz chega e fala: "Fulano, eu sei que você está me traindo, isso não pode ser. Nós temos o casamento". Enfim, argumentava, e a senhora, furiosa. "Não, não entendeu, não entendeu. Tem que ter uma conversa muito clara".

**Tiago Rogero:** Daí o diretor tentava argumentar.

**Cecilia Boal:** ...'Mas está tendo uma conversa clara'. A atriz tentava de novo. E assim foi três, quatro vezes...

**Tiago Rogero:** Como daquele mato num tava saindo cachorro, o diretor teve outra ideia.

**Cecilia Boal:** ...'Bom, a gente não está sabendo interpretar o que a senhora quer. A senhora quer subir aqui, mostrar para a gente o que é que a senhora quer dizer?'. 'Mas eu posso subir?' 'Claro. E ela pegou uma vassoura, encheu o marido de porrada e falou assim: 'E agora você vai na cozinha, faz o jantar e traz para mim'. Então, assim, o pobre do ator que fazia o marido... (ri) O Boal teve que defender o ator, porque a senhora gorda encheu ele de porrada. Enfim, essa história era um sucesso total. Boal sempre contava a história da senhora gorda que, segundo ele, inventou o Teatro Fórum. Foi a senhora que inventou o Teatro Fórum, porque até lá não tinha essa participação, as pessoas do público não entravam no palco para improvisar com os atores.

**Tiago Rogero:** O dramaturgo brasileiro era o Augusto Boal. E esse Teatro Fórum que a entrevistada mencionou é uma das técnicas, ou uma das modalidades de um método teatral que ficou mundialmente conhecido, e que foi criado pelo Augusto Boal.

**Cecilia Boal:** E foi depois dessa experiência [...] que o Boal [...] escreveu O Teatro do Oprimido.

**Tiago Rogero:** Resumindo muito, o Teatro do Oprimido consiste primeiro na quebra da quarta parede. Pensa numa peça teatral: num cenário, numa cena, você vê o lado esquerdo, ou "parede" esquerda; vê a direita, e vê o fundo. E a gente que tá aqui atrás, olhando aquilo tudo, tá vendo tudo aquilo pela quarta parede, na teoria. E o mesmo vale pras novelas, pras séries, pro cinema, enfim. Daí que vem essa expressão de quebrar a quarta parede; é quando a obra reconhece a existência do espectador e passa a interagir diretamente com ele.

No caso do Teatro do Oprimido, a ideia é não só quebrar a quarta parede, mas que o espectador seja um sujeito atuante, alguém que vá transformar aquela ação dramática. E assim ele passa até mesmo a protagonizar aquela obra. E tudo isso, claro, com um objetivo de conscientização social. O teatro como ferramenta de transformação social.

Bom, mas eu tô aqui te falando de quarta parede e de Teatro do Oprimido, e ainda não te apresentei a entrevistada.

**Cecilia Boal:** Eu, no Brasil, me chamo Cecília Boal. Eu casei com Augusto Boal, a gente ficou juntos 43 anos, temos dois filhos.

**Tiago Rogero:** A Cecília é argentina, mas mora no Rio há bastante tempo.

**Cecilia Boal:** E eu cheguei aqui e abri um consultório de psicanálise aqui no Rio de Janeiro. Eu me chamo Cecília Thumim'. Mas não deu outra, primeira paciente que chegou: 'Cecília Boal?'. (ri) E tanto me chamava de Cecília Boal que resolvi que ia casar com Boal para poder usar o nome, para me sentir legitimada. Só que não mudei o nome dos documentos.

Augusto Boal era uma pessoa maravilhosa. E não assim, porque morreu, então a viúva sempre acha... (ri) É um clássico, né? O morto era maravilhoso. Mas por que ele era maravilhoso? Porque ao mesmo tempo que era uma pessoa muito lúcida e via muito bem a realidade, ele tinha uma ingenuidade. Era muito otimista, sempre achava que nada ia acontecer com ele, nada de ruim, incrível. E eu, que era pessimista, ficava falando: "olha os militares, isso, aquilo". Enfim, eu me sentia na obrigação de ficar cuidando do Boal.

Eu ficava falando para ele quando a gente morava em São Paulo, ia caindo um atrás do outro, pessoas próximas. E eu falava: "olha, você vai ser preso também". Ele falava que não, que de jeito nenhum, a forma de ser dele. E ele foi sequestrado. Ele ficou desaparecido assim, dois meses e meio, uma coisa assim. Ele estava no DOPS, mas o DOPS, enfim, a polícia não reconhecia que ele estava preso. Então foi um período muito perigoso e foi muito difícil para mim, porque você imagina. Eu era bem nova, e tinha uma criança pequena ainda por cima. E eu tinha chegado de Buenos Aires de paraquedas para um universo que não tinha nada a ver comigo, sabe? Queria ser atriz. Por isso que eu conheci Boal, porque eu fazia teatro na Argentina. Depois, com tantos exílios, resolvi mudar de profissão, porque era impossível falar tantas línguas para continuar fazendo teatro. Eu tive que me inventar, sabe? Como todo mundo faz.

**Tiago Rogero:** A Cecília é a presidente do Instituto Augusto Boal, fundado em 2010 pra divulgar e dar continuidade à obra do dramaturgo.

**Cecilia Boal:** E, sobretudo, assim, quando o Boal morreu, eu comecei a mexer na documentação dele para deixar tudo arrumado e à disposição de quem quiser pesquisar o trabalho dele; eu me deparei com essa relação que foi determinante para a carreira do Boal, realmente, e da qual pouquíssimo se sabe e da qual pouquíssimo se fala.

**Tiago Rogero:** É disso que a gente vai falar aqui: dessa relação que foi determinante pra carreira do Boal, que é um dos nomes mais importantes do teatro brasileiro, reconhecido internacionalmente e tudo mais; e uma relação da qual pouco se sabe e pouquíssimo se fala.

**Cecilia Boal:** Eu percebi naquele momento, sabe, a importância que tinha todas as peças que tão aqui nessa pastinha que eu fiz para mim, no computador, e que você vê, né, que o quanto a mão do Abdias estava lá.

**Tiago Rogero:** A mão do Abdias. Abdias Nascimento.

**Elisa Larkin Nascimento:** É difícil falar em poucas palavras.

**Tiago Rogero:** Esta é a Elisa.

**Elisa Larkin Nascimento:** Meu nome é Elisa Larkin Nascimento, é, eu sou diretora hoje do Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros, que fundei junto com Abdias Nascimento em 1981, e sou doutora em Psicologia pela USP, é, e mestre em Direito e em Ciências Sociais pela Universidade do Estado de Nova York.

**Tiago Rogero:** A Elisa é viúva do Abdias. Ela é estadunidense e também mora no Rio há bastante tempo.

**Elisa Larkin Nascimento:** Abdias Nascimento foi um menino negro, neto de avós escravizadas, nascido no interior de São Paulo, em Franca. Ele sai de Franca, se alista no Exército pra poder ir pra metrópole. Formado como contador, depois como economista, e mais tarde funda primeiro o Teatro do Sentenciado, dentro da Penitenciária do Carandiru, depois funda o Teatro Experimental do Negro, no Rio de Janeiro, em 1944, que é uma instituição que organiza alguns dos mais importantes eventos do movimento negro daquela época, inclusive em 1950, o primeiro Congresso do Negro Brasileiro. Ele, em 68, perseguido pelo regime militar, vai pro exílio, é, se estabelece como professor titular da Universidade do Estado de Nova York, que é onde eu o conheci e na volta foi deputado, senador. Também foi poeta, escritor, professor universitário, é, e artista visual, fazia pintura. É, e nós estamos hoje, é, continuando o legado dele através de exposições e outras atividades ligadas à educação.

**Tiago Rogero:** A gente já fez um episódio inteiro só sobre esse lado artista do Abdias Nascimento. Foi pro podcast Vidas Negras. Cê consegue ouvir esse e os outros 29 episódios no Spotify.

Bom, mas voltando pro Abdias, e pra essa amizade entre ele e o Augusto Boal.

**Cecilia Boal:** Duas pessoas que tinham muita afinidade e quem colocou eles em contato foi o Nelson Rodrigues.

**Tiago Rogero:** Nelson Rodrigues, “o” Nelson Rodrigues. Escritor, dramaturgo, enfim.

**Cecilia Boal:** O Boal era filho de pais imigrantes. O que ele quer? Que os filhos sejam universitários, que tenham um diploma. Mas Boal escrevia peças de teatro desde que tinha oito anos. Escrevia, montava e apresentava lá na Penha para os vizinhos e parentes. Aí, Boal, bom, ele tinha que satisfazer o pai. E ele resolveu estudar Engenharia Química na UFRJ. E aí o Boal, para satisfazer esse lado dele mais teatreiro foi no jornal onde trabalhava Nelson Rodrigues, e convidou Nelson para dar uma palestra. E o Nelson falou assim: mas se não vier ninguém? Aí o Boal falou: e se não vier ninguém, nós vamos tomar uma média com pão e manteiga. E foi o que aconteceu. Não foi ninguém, imagina, a engenharia química. Que ideia, você levar o Nelson Rodrigues, gente que não sabia nada de teatro, provavelmente não ia nunca no teatro.

E aí, um belo dia, o Nelson achou que Boal tinha tudo a ver com Abdias. E Abdias estava com uma peça no Teatro Municipal do Rio de Janeiro. E aí ele marcou naqueles bares que ficam lá na Cinelândia apresentando o Boal a Abdias. Ele lia as peças e dava ideias. Mas o mais legal, é que eu pessoalmente acho essas peças muito fracas, porque Boal tinha 20 anos, imagina, não são peças boas, é que Abdias montava todas as peças do Boal. Você imagina para uma pessoa de 20 anos que está começando a escrever, o que significa que alguém monte as suas peças com verdadeiros atores, com a Léa, que já era uma ótima atriz.

**Tiago Rogero:** Léa Garcia, uma das atrizes mais importantes da história da dramaturgia brasileira.

**Cecilia Boal:** Então, assim, foi importantíssimo. E dá-se um pouco a ideia do que foi essa relação dos dois. Que era uma relação muito, assim como de pai para filho, de irmão mais velho, né?

**Tiago Rogero:** Na autobiografia dele, o Boal escreveu sobre o que aconteceu quando ele conheceu o Abdias. Abre aspas:

*Antes, minha relação com os negros era de piedade: sentia pena dos negros da Penha. Depois, passou a ser de admiração: como era possível, cercados por tanto preconceito, que os negros sobressaíssem, fosse no que fosse? No teatro, por exemplo, personagem negro era escravo ou criado. Para o papel de Otelo, nem pensar! Pele: estigma! Meus personagens passaram a ser menos piegas e mais revoltados. Passei a gostar de subversivos combatentes: abaixo a melancolia!*

**Tiago Rogero:** Fecha aspas.

E esse impacto do Abdias sobre ele foi tão importante que o Boal decidiu fazer uma peça inteira dedicada a Zumbi dos Palmares.

Só que acabou tendo uma coisa.

**Cecilia Boal:** Porque o Zumbi, que foi feito também nos anos 60, foi montando só com gente branca. E depois, muitos anos depois, numa leitura depois da morte do Boal, isso foi criticado.

**Tiago Rogero:** Pois é. O elenco de uma peça sobre talvez a figura negra mais famosa da nossa História era majoritariamente branco. E isso depois do Boal ter se formado como dramaturgo participando ativamente do Teatro Experimental do Negro, cuja premissa era justamente o contrário, né?

Atrizes e atores negros podendo não só assumir o papel de protagonistas, mas também fazendo papéis diferentes do que aqueles que costumavam sobrar.

Na hora de pensar sobre essas coisas, eu sempre tento lembrar de uma coisa que muitos historiadores falam: que a gente tem que tomar cuidado pra não olhar pras coisas do passado com o olhar de hoje.

Essa peça, esse musical, na verdade, foi encenado em 1965; a questão da representatividade nos palcos não era tão debatida e presente quanto hoje. E, enfim, afinal o Boal escolheu um herói negro como tema da peça.

O nome do musical era "Arena conta Zumbi" e foi escrito junto com o Gianfrancesco Guarnieri, que também era branco.

**Cecilia Boal:** Agora vê, o Zumbi é uma peça sobre a liberdade. E eu realmente montei depois da morte do Boal, em 2012, Zumbi só com atores negros aqui no Rio de Janeiro, depois rodou pelo Bra... Porque que eu falei: de fato por que que Zumbi nunca se fez com atores negros, sabe? Mas eu entendo. O Boal também fez uma peça sobre as mulheres na época do feminismo, porque ele se metia com tudo que era coisa. E ele coloca assim no prólogo da peça, que ele é um homem e que então ele pede desculpas porque ele é um homem, mas ele resolveu fazer uma peça sobre um assunto que interessa a ele. E sobre essa questão do racismo com Zumbi, eles nunca, nem ele nem o Guarnieri, nunca vi fazer uma reflexão sobre isso, sabe?, dizer, poxa... Sim, a Zezé Motta trabalhou no Zumbi, e depois Germano Batista, que era um músico e um cantor negro que foi com a gente para os Estados Unidos, mas só, assim, o resto era toda a gente branca. Não vinha essa problemática, sabe? Eu nunca faria hoje Zumbi só com atores brancos, talvez misturados, né?

**Tiago Rogero:** Toda essa história, do Zumbi de 65 e do Zumbi que a Cecilia montou, tantos anos depois, me fez pensar num musical da Broadway pelo qual eu sou completamente fascinado. O nome é "Hamilton", estreou em 2015 e foi criado pelo Lin-Manuel Miranda. Dá pra ver legendado no Disney Plus.

Eu vou contar a premissa e acho que pode parecer chato: conta a história do primeiro secretário do Tesouro dos Estados Unidos, o Alexander Hamilton. Mas o que eu gosto é que o musical é todo em rap, em hip-hop, e o elenco é majoritariamente não-branco. Ou seja: ele inverteu tudo.

Pegou esses Grandes Nomes da História dos Estados Unidos; e a gente sabe quem são esses nomes que conseguiram entrar pra História, né; porque afinal eram aqueles que escreviam a História; tudo homem branco.

O Lin-Manuel Miranda, que é um porto-riquenho-estadunidense, pegou esses nomes todos e colocou pessoas não-brancas pra fazer os papéis. Negros, latinos, asiáticos... O primeiro presidente dos Estados Unidos, por exemplo, o George Washington, é interpretado por um ator negro.

E a última música desse musical, Nossa Senhora, pega demais pra mim.

Tem várias personagens femininas na peça, mas o musical é meio que sobre as guerras travadas por esses Grandes Homens, né? A guerra da independência dos Estados Unidos, depois as lutas políticas pela primeira Constituição, pela presidência, enfim.

Mas no fim os holofotes todos vão pra uma mulher.

Pra viúva do Alexander Hamilton, a Elizabeth, que no musical todo é chamado pelo apelido, Eliza.

O nome dessa última música é, traduzindo pro Português, "Quem vive, quem morre, quem conta a sua história", e basicamente o que ela diz é que, se hoje a gente conhece a história do Hamilton; se mais de dois séculos depois da morte dele fizeram um musical sobre a vida dele que virou um dos maiores sucessos da Broadway; é por causa dos esforços da esposa dele, da viúva, da Eliza, pra manter essa história viva.

E eu não conseguia parar de pensar nisso enquanto entrevistava a Elisa e a Cecília.

Quem conta as histórias do Abdias e do Boal são acima de tudo essas duas mulheres.

**Cecilia Boal:** E tem muitas outras viúvas... (ri) Parece que é a sina das viúvas. Eu já conversei muito com a Elisa...

**Tiago Rogero:** E, assim, entendendo aqui o meu lugar de homem cis hétero fazendo essa observação, mas algo que naturalmente chama a atenção é que parecem ser sempre mulheres nessa posição, né?

**Elisa Larkin Nascimento:** Homem viúvo que conta a história do parceiro, da parceira. Eu não conheço, assim, dizendo assim, pensando aqui, eu não lembro de nenhum, não.

**Tiago Rogero:** É, eu passei um tempo procurando, eu não tamb... E, tipo, a senhora, como a senhora vê isso, assim, é uma-é uma questão de gênero, também?

**Elisa Larkin Nascimento:** Sim, eu acho que é uma questão de gênero, no sentido do, do, da maneira com que a sociedade, sobretudo a sociedade ocidental, constrói a imagem ou a ideia, a ideia e o edifício de gênero, porque a mulher é sempre dada à missão de se juntar a um homem e ficar ao lado dele. Você tem aquela expressão, né, 'Atrás de cada homem grande tem uma mulher, etc', e aí, enfim. O próprio casamento, a ideia de, né, a mulher vai se dedicar ao seu marido, vai, enfim, e ao homem, muito pelo contrário, né, o homem é o parceiro dominador, é aquele que define as regras, que manda. Então vai ser difícil a gente encontrar esse tipo de vocação no construto da masculinidade.

**Tiago Rogero:** Mulheres vivem mais do que homens. Isso é fato no mundo todo, e o Brasil não foge à regra.

Mas daí a naturalizar essa obrigação das mulheres carregarem as histórias adiante é outra coisa. Ainda mais porque muitas vezes o narrador, a narradora, é justamente a personagem que se apaga. O que que acontece com a história delas?

A gente fala tanto sobre quem deveria contar a história de quem que às vezes a gente não olha pra quem acaba tendo que contar a história de quem.

No caso da Cecília e da Elisa, muito do que a gente sabe hoje sobre o Abdias e o Boal, e sobre as bandeiras que eles levantavam, é graças a elas.

**Elisa Larkin Nascimento:** Eu já conheci o Abdias no contexto de uma missão compartilhada. Eu era uma ativista, uma jovem ativista, eu vinha do movimento contra o-a Guerra de Vietnã, também contra os investimentos da minha universidade no apartheid da África do Sul. E eu tinha uma maneira diferente, de muitos esquerdistas brancos, não conseguir enxergar, é, a luta pela justiça no mundo através apenas da lente da luta de classes. E é nesse contexto que eu vou conhecer o Abdias. Então, assim, imediatamente, ele sendo brasileiro, ele sendo quem ele era, cuja missão de vida era lutar contra o racismo, essa identificação pra mim foi o que criou um cimento acima de toda a parte afetiva, de amor. Então, assim, à medida em que a preservação do legado sempre foi pra ele parte da missão, eu diria que essa, eu não tenho um momento em que eu assumi uma, uma, uma missão que não fosse exatamente parte de tudo o que eu assumi quando eu me juntei a ele nessa jornada de vida e de luta.

**Tiago Rogero:** No dia em que eu fui gravar essa entrevista com a Elisa, eu peguei um carro de transporte por aplicativo. Coloquei lá como destino: IPEAFRO, que é o Instituto de Pesquisas e Estudos Afro-Brasileiros, fundado pela Elisa e o Abdias.

Entrei no carro, passou um tempo e o motorista, que era um homem negro, me perguntou se eu trabalhava no Ipeafro. Eu falei: 'Ah, não, eu sou jornalista, tô indo lá fazer uma entrevista... Mas por quê?'. Daí ele disse que era porque ele viu o nome, Ipeafro, e que se eu fosse de lá ele ia me fazer uma pergunta. Eu falei: 'Uai, se for algo que eu sei, talvez eu possa ajudar'.

E aí ele me perguntou se eram verdade umas coisas que ele tinha ouvido sobre Zumbi dos Palmares. Que já tinham falado pra ele que Zumbi tinha escravos e que Zumbi seria na verdade um capitão do mato. Olha isso: Zumbi, capitão do mato.

Eu tava inspirado naquele dia e passei o resto da viagem contando tudo pra ele sobre Palmares, sobre Zumbi... Com base em informação, né? Livro, documento... E por fim eu falei pra ele pra num dar muita atenção pra essas informações falsas que adoram espalhar sobre Zumbi porque é isso; no fim é só um monte de lorota sem base nenhuma em documentação e, enfim, só racista sendo racista mesmo.

E tudo isso porque existe um instituto chamado IPEAFRO, que a Elisa criou junto com o Abdias e que ela se esforça pra manter.

Só de ver aquele AFRO no nome;  
de ver um outro homem negro pelo retrovisor;  
o motorista sentiu vontade de perguntar sobre Zumbi.

**Elisa Larkin Nascimento:** Faz parte da minha vida como um compromisso, como uma coisa que me move. Eu fiz uma opção por tentar construir esse projeto do Ipeafro e, enfim, [...] . Eu quero crer que eu tenha conseguido com isso abrir algumas oportunidades para pessoas exercerem um ofício, enfim, então eu... para mim, continua valendo a pena, assim como sempre valeu quando eu estava ao lado do Abdias vivo.

**Cecilia Boal:** Olha, às vezes é um peso, mas eu sinto, sabe, que é uma coisa que eu devo a Boal. É realmente assim, porque eu não sei como dizer. Eu achei, assim, eu acho que eu tive muita sorte em ter conhecido Boal, sabe? E eu não sei se eu estive à altura, realmente, porque eu era uma mulher muito chata. Por que era uma mulher muito chata? Porque-- Primeiro, porque eu tinha inveja. Não fiz tantos anos de análise pra não saber. Eu tinha inveja da vida que ele tinha, do sucesso que ele tinha. Mas claro que eu não tinha o talento dele, nem a inteligência dele. Então acho que eu enchi bastante a paciência dele em muitas ocasiões. Falo sem problema isso, me arrependo muito também. Aí então, não sei. Eu não acredito numa vida depois da morte, mas, se tivesse, eu gostaria que ele ficasse contente, sabe? Vendo que eu faço o possível, assim, para, enfim, que o pensamento dele seja respeitado, sabe? Para que ele seja conhecido realmente como a pessoa que ele foi. E que ele foi uma pessoa muito extraordinária.

**Tiago Rogero:** O Boal morreu em 2009, aos 78 anos. O Abdias morreu em 2011, aos 97 anos.

**Elisa Larkin Nascimento:** O Abdias tinha muito apreço e respeito pelo trabalho do Boal. E a partir de 68, quando ele vai para o exílio ele sempre seguiu e acompanhava a trajetória do Boal, lia os livros e em 1988, 89, ele foi convidado pela UNESCO para ser consultor de teatro em Angola, porque ainda recém desenvolvida, vamos dizer, administração federal de Angola estava pensando o seu teatro nacional. E ele foi lá e num contexto ainda de guerra civil, mas ele levou os livros do Boal e certamente o Teatro do Oprimido foi uma das grandes referências que ele apresentou lá nesses cursos que ele fez na universidade em Luanda. Então, assim, eu acho que é uma amizade que nunca deixou de ter vida no espírito, no cérebro, na cabeça, no pensamento e também no coração.

---

**Branca Vianna:** Esse foi o Tiago Rogero, colaborador do Rádio Novelo Apresenta.

No segundo ato do episódio de hoje, quem conta a história não são as viúvas.

Na verdade, não são nem as pessoas.

Quem tá falando são pedaços de pedra e de bronze.

E quem conta essa é a Flora Thomson-DeVeaux.

---

## ATO 2

**Flora Thomson-DeVeaux:** Tem um podcast que eu escuto há anos, que é sobre design. Pode soar esquisito, né, um podcast, em áudio, sobre design, mas ele tá aí pra quebrar com essa ideia de que tem história que não dá pra contar em áudio.

É um podcast gringo, o nome dele é 99% Invisible – porque a ideia é que o bom design é noventa e nove por cento invisível. O que sobra é aquele um por cento que te faz perceber que aquele objeto, aquele espaço, aquele caminho foi pensado por alguém. Que teve uma intenção por trás. Um plano. Uma ideia.

E tem uma frase que é meio que um dos bordões do podcast, que mudou minha vida. Não é que transformou a minha vida. Mas fez a vida ficar diferente, de um jeito sutil. 1% diferente, vai. Eu não sou cristã, nem batizada eu fui, mas eu adotei essa frase como um dos meus mandamentos.

Ela é assim: “always read the plaque”. “Sempre leia a placa”.

A placa, no caso, é a placa em qualquer monumento, busto, estátua, banco – qualquer placa que foi colocada ali pra comemorar, ou pra lamentar, ou pra eternizar uma pessoa, um acontecimento, uma conquista, uma tragédia.

Cada placa é uma história, a ponta de um iceberg. E a gente passa batido por elas muito mais do que a gente devia.

A história tá ali, pronta pra gente descobrir, e a gente nem tchum.

**Henrique Rondinelli:** Eu sou super carioca, até uma fase da na minha vida nunca saí, nunca morei fora do Rio de Janeiro.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Henrique Rondinelli é o tipo de pessoa que sempre lê a placa. E, além de super carioca, ele é doutorando em filosofia pela UFRJ.

Ele também dá aula num vestibular comunitário sobre História do Brasil. E, como parte dessa aula, ele faz um passeio histórico pelo centro do Rio.

**Henrique Rondinelli:** Começo sempre na Praça XV, porque foi o primeiro porto de escravizados da cidade do Rio, e termino no Cais do Valongo, depois de uma visita ao Museu dos Pretos Novos.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Tem muita placa nesse caminho. Muita história pra contar.

**Henrique Rondinelli:** E é engraçado porque, assim, tem uma série de estátuas que denunciam, como é que posso dizer, o enviesamento simbólico da República no Brasil e no Rio de Janeiro em particular. Tem uma que eu acho particularmente poderosa na alegoria, que é a estátua de Tiradentes da Praça Tiradentes, que não é de Tiradentes, é de Dom Pedro I. Ela fica- ela é gigante. Uma estátua equestre do dom Pedro I, ele empunhando a Constituição de 1824 em mãos, que é como se fosse um mito do surgimento do Brasil independente, e ele está cercado por quatro

tribos dos quatro principais rios. Ele não especifica as tribos, mas está lá Amazonas, Paraná, São Francisco, sei lá.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Os rios são o São Francisco, o Madeira, o Amazonas e o Paraná. O monumento da praça Tiradentes tem esses quatro "conjuntos alegóricos", como eles dizem.

É assim: tem o Dom Pedro lá, heróico, segurando a papelada da Constituição, montado no cavalo dele. O cavalo tá parado em cima de um pedestal retangular.

E, em cada lado desse retângulo, tem umas figuras indígenas, como se eles fossem os guarda-costas do imperador. Cada um representando um grande rio brasileiro.

**Henrique Rondinelli:** Essa estátua, se não me engano, é de 1870, no auge do romantismo brasileiro. Ela foi mantida com a República. Mas o que tem muito curioso nessa estátua é totalmente ausência, assim, do negro na construção da construção do país.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Essa estátua foi o primeiro monumento cívico do Brasil. O primeiro monumento que o governo mandou construir na história do país. Uma representação da independência.

Do que vinha a ser esse país ia ser.

**Henrique Rondinelli:** é aquele mito modernis-- e romantista mais bobo possível, que é assim -- bem Iracema. Foi o português, foi indígena, e acabou.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Às vezes o problema não é nem o que tá na estátua. É o que não tá, né?

**Henrique Rondinelli:** o Rio de Janeiro, ele é cheio desses atos falhos.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Tipo fazer um Museu do Amanhã em cima do maior porto de escravos das Américas. Esse tipo de "ato falho".

**Flora Thomson-DeVeaux:** Agora: tem um tipo de ato falho do Rio de Janeiro que dificulta muito a vida de gente que nem eu e que nem o Henrique.

É o fato de que, pra cada placa que dá pra ler no centro do Rio, tem uma placa que não dá pra ler – ou porque ela não existe, ou porque ela foi arrancada.

Ou porque o lugar onde ela tava não existe mais.

**Henrique Rondinelli:** me mudei para o Castelo, que é um bairro que por si só já carrega uma aura bem interessante, porque ele costumava ser o Morro do Castelo, deixou de ser um castelo, foi demolido, virou um bairro assentado que na década de 30 começou a ser povoado com os prédios art déco bonitos. Parece que cê tem um quarteirão isolado de Copacabana, no meio do centro da cidade.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Se o Rio de Janeiro tivesse, assim, um Marco Zero, o Castelo ia ser um bom candidato. Foi por ali que a cidade começou.

O Machado de Assis dizia que a vista mais linda da cidade era do alto do morro do Castelo. Toda vez que eu lembro disso, eu quero morrer um pouco. Ou contratar um helicóptero. Ou um drone. Ou uma máquina do tempo. Enfim.

A cidade é cheia desses buracos. Uns maiores, outros menores... E um dia, quando o Henrique tava passando de bicicleta, ele reparou em mais um.

**Henrique Rondinelli:** uma parte da estátua que eu sempre observava sumiu, simplesmente sumiu.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Essa estátua era o monumento ao Marechal Deodoro da Fonseca, que fica ali na Glória. Ela é estruturalmente bem parecida com aquela do Dom Pedro da Praça Tiradentes.

O marechal tá lá no alto, no cavalo dele, acenando com o chapéu pruma multidão imaginária... e o cavalo tá parado em cima de um pedestal. E, rodeando o pedestal, tem mais estátuas menorzinhas.

Da noite pro dia, uma dessas menorzinhas tinha sumido. E quando eu digo menorzinha, é só em comparação com a maiorzona.

**Henrique Rondinelli:** A estátua tem 400 quilos, ela tem dois metros de altura.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Ao contrário do monumento do Dom Pedro, as estátuas da base do Deodoro não eram de indígenas brasileiros. Ali tinha tudo quanto era figurão da época da Proclamação da República.

Essa que sumiu, por exemplo, era da mãe do marechal.

Eu lembro que, na época, quando eu li sobre esse caso no jornal, eu pensei: “mas tinha uma estátua da mãe do Deodoro?”

**Henrique Rondinelli:** Eu descobri quando ela sumiu. Isso eu não sabia. Eu também não tenho esse grau de profundidade da família Deodoro. Mas também eu achava que era uma figura feminina meio abstrata. Mas é interessante, uma mulher representada por uma estátua dessa época, assim.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Ali não tinha placa pra ler, mas o Henrique foi atrás de saber um pouco mais sobre ela. Até porque, pra você entender um crime, é bom conhecer um pouco da vida da vítima.

Isso pode te dar alguma pista pra solucionar o caso.

**Henrique Rondinelli:** fui estudar um pouco mais a vida dela. [...] Ela é filha de, ela tem ascendência indígena, negra e aí ela vai se casar com o pai do Deodoro da Fonseca. Tenho até o nome dele aqui. Manuel Mendes da Fonseca Galvão. Olha que interessante. Então por que não Marechal Deodoro Galvão? A família do pai dela, do pai de Deodoro, não queria que ele se casasse exatamente por esse aspecto mestiço. Então ele acaba tendo que se casar, sem o Galvão, o coronel da família, então da Fonseca, como se fosse o nome da mãe do Deodoro, da mãe, do pai do Deodoro, entende? A família se recusou a botar isso. Então aí, aí porque ela fica, dona Rosa, Marina, Maria Paulina Barros Cavalcanti da Fonseca e não Galvão. Acho que é um fato curioso.

**Flora Thomson-DeVeaux:** A Dona Rosa acabou ficando famosa por causa dos filhos. E não só o filho que virou o primeiro presidente da República. Ela teve dez filhos, e sete foram lutar na Guerra do Paraguai. Três deles acabaram morrendo.

E dizem que ela tava tão engajada na guerra que ela preferia nunca mais ver nenhum dos filhos a ver o Brasil selando a paz com o Paraguai. Forte, né?

Mas é muito pouco provável que quem tirou a dona Rosa de onde ela tava fosse paraguaio, ou tivesse qualquer tipo de motivação política. Nem a favor, nem contra, muito pelo contrário.

**Henrique Rondinelli:** Não foi um roubo pra, porque é uma peça de museu caríssima, é um roubo para transformá-la em menos do que uma estátua, assim, para deixar de ser estátua, pra virar matéria prima.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Pra quem roubou, o que importava era o bronze da estátua. Pelo menos essa era uma das teorias principais.

**Henrique Rondinelli:** É o bronze raro, porque um bronze que não tem muito hoje em dia, é um bronze muito difícil de encontrar hoje em dia.

**Flora Thomson-DeVeaux:** A gente tá acostumado com história de furto de cabo de cobre, com o pessoal roubando os óculos da estátua do Drummond em Copacabana... mas isso aqui é outro patamar. É trabalho de profissional.

**Henrique Rondinelli:** Cê não para realmente um caminhão de obras ali com um guincho, tira uma estátua de 400 quilos, coloca, com os carros passando, sabe? É uma coisa, é uma rua super movimentada. Mesmo que seja de madrugada. Cê não faz isso incólume, assim, despercebido. Então foi lá, botaram no caminhão e saíram. E é curioso porque quando perceberam que sumiu, tem um espaço de tempo para tentar recuperar a estátua, que é chegar no mercado ilegal e tentar descobrir mermo, tentar sair à procura dela. E parece que numa dessas, uma outra estátua de escoteiro que tinha aqui na praia do Flamengo, ela foi derrubada e fizeram a chamada muito rápida. E quando faz a chamada o pessoal fica com medo de comprar porque percebe que pode pegar mal até derreter... E aí de repente a estátua foi jogada ali no meio da praia do Flamengo. Encontraram ela sem seus pés e seus braços, mas encontraram a estátua. Porque acho que chega uma hora que as pessoas entendem que é um problema muito grande uma estátua desse tamanho. Mas a estátua da mãe do Deodoro não, ela sumiu. Ela sumiu, foi levada. Foi o crime perfeito.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Eu queria ver um curta-metragem da perspectiva da estátua. Imagina: a Dona Rosa foi colocada lá em 1937.

O monumento foi inaugurado na mesma semana da instauração do Estado Novo do Getúlio Vargas.

A Dona Rosa viu o Aterro do Flamengo ser feito, viu o mar ficar mais distante.

Viu casas caírem e prédios subirem.

E, numa noite, ela sai do lugar.

Consegue passear pela cidade, ver a orla, as luzes da cidade em movimento...

E aí, como toda curta experimental que se preze, a história tem um final trágico – provavelmente em algum caldeirão clandestino.

Quem quiser licenciar esse roteiro, é só me procurar.

A estátua sumiu em fevereiro de 2020.

Na véspera do fim do mundo.

E, alguns meses depois, essa história ganhou outro significado.

**Henrique Rondinelli:** no mesmo ano, com Black Lives Matter, em plena pandemia, começa a haver esse movimento de derrubar estátuas pelo mundo...

**Flora Thomson-DeVeaux:** Depois da morte do George Floyd, nos Estados Unidos, ativistas começaram a derrubar estátuas mundo afora.

A mais famosa que caiu foi a de um traficante de escravizados chamado Edward Colton, em Bristol, na Inglaterra.

O pessoal não só derrubou como deu uma pisoteada e jogou no mar depois.

Aqui no Brasil teve poucas ocorrências. Na verdade, de bate-pronto, eu só tô lembrando da tentativa de botar fogo na estátua do Borba Gato, em São Paulo.

Mas... a estátua da dona Rosa da Fonseca era outra história.

**Henrique Rondinelli:** Como é que é uma coisa tão vaga para a gente, que é aquela coisa cai, foi derrubada no mesmo ano que você derruba a estátua de um traficante de escravizados, você derruba a estátua da matriarca da família militar, foi no governo Bolsonaro, já que é um é provido de vetor político e o outro é feito pra, pra derreter, pra virar bronze. [...] Fez um movimento, digamos assim, de certa forma, o vetor material idêntico, mas o vetor político é nulo.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Às vezes uma estátua derrubada é só uma estátua derrubada. O caso do roubo da dona Rosa ainda tá em aberto. Ainda existe uma dúvida se a estátua foi roubada pra ser derretida, ou a mando de algum colecionador... mas ninguém tá achando que foi um ato político.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Nessa altura, já faz anos que um lado do monumento ao Marechal Deodoro tá pelado. Mas botar a dona Rosa de volta no lugar não parece prioridade de ninguém. Nem tô dizendo que devia ser.

**Henrique Rondinelli:** Isso que é engraçado também, porque até uma placa de bronze, uma vez que você perde, ninguém repõe, elas não são repostas. Na Praça Paris, a do Almirante Barroso, tiraram as placas de bronze. Agora as que foram repostas, elas são de plástico. Horríveis! E a estátua do Almirante Barroso, ela é até bonita, assim, no design. Mas é engraçado isso, era realmente uma coisa que... gente... cê perde- perdeu o bronze. Cê não vai gastar dinheiro agora de monumento, chafariz, tem uma verba pequeníssima para tomar conta de patrimônio imenso. Então é uma coisa que é meio entrópica, assim, vai só se perdendo, de certa maneira. Acho bem curioso.

**Flora Thomson-DeVeaux:** A terra vai girando e as placas vão se perdendo na força centrífuga.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Enquanto eu tava investigando a história da dona Rosa, tentando aprender um pouco mais sobre a vida dela, e sendo sumariamente ignorada pela Polícia Civil – que aliás não quis dar entrevista pra essa matéria... chegou uma outra história na minha mesa.

Sobre outro monumento. Em outra praça. Em outro estado.

**Waldir Rampinelli:** Nova Veneza é uma cidade pequena no sul de Santa Catarina, tipicamente de descendentes de italianos.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Esse é o Waldir Rampinelli, que é professor do departamento de história da Universidade Federal de Santa Catarina.

Hoje ele mora em Florianópolis, mas ele nasceu e cresceu em Nova Veneza.

**Waldir Rampinelli:** Ela está perto de Criciúma, e ela importou da Itália algumas tradições, como o Carnavale de Veneza.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Trouxeram até uma gôndola de Veneza pra circular pelo rio da cidade...

**Waldir Rampinelli:** embora tenha um rio poluído desde 1945 pelo carvão.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Não sei se deu pra perceber pelo nome "Nova Veneza", pelo "Carnavale", e pela gôndola, mas a gente tá falando de uma comunidade muito italiana. Muito mesmo.

**Waldir Rampinelli:** Rampinelli, Locatelli, Ceribelli.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Os sobrenomes eram quase todos assim. Aliás: não, cê não tá louco. O Henrique, que a gente tava ouvindo até agora há pouco, o da estátua da mãe do Deodoro, é Henrique Rondinelli. Mas é só coincidência, ele não tem nada a ver com Nova Veneza.

Mas, de volta pra Santa Catarina...

**Waldir Rampinelli:** quando você encontrava um Silva ou um Gonçalves, um Duarte, você como criança, se sentia superior a eles.

**Flora Thomson-DeVeaux:** E não eram só as crianças que se sentiam superiores.

**Waldir Rampinelli:** Havia um preconceito muito grande contra quem não tinha um nome italiano, que era chamado de "brasiliense" ou "baieco". E o preconceito era maior ainda contra os negros, que eram explorados na mão de obra, e contra os "bugres" – estes deveriam ser eliminados. "Bugre" é um nome preconceituoso para os indígenas.

**Flora Thomson-DeVeaux:** O Waldir cresceu ouvindo histórias sobre a época em que a região tava sendo, entre aspas, desbravada. No final do século 19.

**Waldir Rampinelli:** o meu avô falava [...] das caçadas aos indígenas.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Nessas histórias do avô do Waldir, tinha um personagem que aparecia sempre.

**Waldir Rampinelli:** Natale Coral é uma pessoa muito importante em Nova Veneza porque ele é agrimensor e naquela época, quem media as terras tinha poder.

**Flora Thomson-DeVeaux:** O Natale Coral nasceu na Itália e se mudou pro Brasil em 1879. Ele tinha sido contratado pelo diretor da colônia de imigrantes pra fazer essas medições das terras. Pra ir traçando os lotes rurais pra que eles pudessem ser vendidos. Pra que uma cidade pudesse começar a existir.

E conforme o Natale Coral ia fazendo isso, viajando pelas terras da região, ele ia entrando em conflito com as populações indígenas.

**Waldir Rampinelli:** Então, além de medir as terras, ele se tornou um bugreiro. Bugreiro é uma profissão em expansão no capitalismo no final do século XIX, que significa limpar as terras para que a civilização entre.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Teve um antropólogo chamado Sílvio Coelho dos Santos que chegou a fazer uma entrevista com um contemporâneo do Natale Coral, chamado Ireneo Pinheiro.

**Waldir Rampinelli:** E este Ireneo conta, "Olha, aqui na região quem limpou todo esse território fomos nós. E lá mais no sul foi Natale Coral. O problema do Natale Coral é que ele começou a cortar a orelha dos indígenas e trazia para o riso. Pra contar nas bodegas". Isso pegou mal. Porque daí então os bugreiros eram obrigados a cortar as orelhas, apresentar ao chefe das terras para receber por orelha trazida.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Só pro caso de não ter ficado claro: segundo esse Ireneo, que também era "bugreiro", o Natale Coral não só assassinava os indígenas que ele encontrava pelo caminho, como ele começou a cortar e levar as orelhas das vítimas dele pra se gabar depois. Colecionando orelhas como se elas fossem um troféu. Coisa de serial killer.

A diferença é que a polícia não tava atrás dele por causa disso.

Pelo contrário: ele ergueu o sarrafo da perversão.

E o pessoal que tava encomendando a morte dos indígenas começou a exigir que os outros bugreiros fizessem a mesma coisa: trazer orelhas pra provar que eles tinham mesmo "limpado" a terra.

Mas o Natale Coral não entrou pra história "só" por isso.

**Waldir Rampinelli:** Ele cometeu um grande massacre em Urussanga, Natale Coral. E se chama o Massacre de Palermo.

**Flora Thomson-DeVeaux:** É até estranho esse nome, porque parece que foi uma atrocidade cometida lá no sul da Itália, né? Mas “Palermo” era o nome desse lugar perto de Nova Veneza.

**Waldir Rampinelli:** Eles entraram no interior de Urussanga, uma cidade perto de Nova Veneza, à procura dos indígenas.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Isso foi no começo de 1894. Era um grupo de dez italianos que tinham sido incumbidos de uma missão.

Conforme a colônia ia se expandindo, os indígenas, claro, iam reagindo a essa violência, e contra-atacando. E agora o diretor da colônia queria dar um basta nesses contra-ataques. E ele botou Natale Coral como chefe de uma expedição "definitiva".

A promessa era que, pra cada indígena que eles matassem, eles iam receber cinquenta mil-réis – o que era bastante dinheiro naquela época.

O relato mais completo que a gente tem desse massacre é de um padre chamado Quinto Baldessar, que publicou um livro sobre os imigrantes da região. O avô dele, e dois tios-avôs, participaram dessa missão.

**Waldir Rampinelli:** depois de andarem muitos dias, eles encontraram a maloca dos indígenas. Então, naquela noite, eles dormiram ali, esperando o momento exato.

**Flora Thomson-DeVeaux:** O padre Baldessar escreveu que a maloca tinha três portas. Três homens postaram-se em cada porta, com a espingarda pronta. Pra que assim que um desse um tiro, o próximo assumisse praquele poder recarregar a arma. Quem deu a ordem de atirar foi o Natale Coral.

Foi um banho de sangue.

Depois, um dos homens que participou do ataque até falou: “Não foi certo, aquilo que fizemos”.

**Waldir Rampinelli:** E neste massacre eles cortaram 62 orelhas, colocaram dentro de uma manga de camisa fechada embaixo e trouxeram. Trouxeram também três indígenas que está nesta foto inclusive.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Pois é, existe uma foto dessa expedição. É mais um troféu dessa época de chacinas orgulhosas. Nela, dá pra ver um grupo de bugreiros em pé, posando com alguns artefatos indígenas. E os três indígenas que o Waldir tá falando são crianças. As únicas sobreviventes do massacre.

Na foto, duas delas estão em pé, e um bebê de colo tá sendo segurado por um dos assassinos.

**Waldir Rampinelli:** Essas três crianças foram criadas pelos colonos como mão de obra escrava em casa.

**Flora Thomson-DeVeaux:** O Waldir Rampinelli sempre soube dessas histórias. Ele sempre soube dessa história sangrenta da cidade dele. Mas o que pegou ele de surpresa foi uma notícia de dezembro de 2020: de que iam botar monumento numa praça em Nova Veneza em homenagem a ninguém mais, ninguém menos que o Natale Coral.

**Waldir Rampinelli:** A minha cidade natal homenageia um bugreiro, um matador de índio, quando a história no mundo está derrubando os escravistas. Quando a história no mundo está sendo revista...

**Flora Thomson-DeVeaux:** O Waldir não pensou duas vezes.

**Waldir Rampinelli (vídeo):** *Eu vivi a minha infância em Nova Veneza. E eu escutava o meu nonno falar do massacre indígena...*

**Flora Thomson-DeVeaux:** Ele gravou um vídeo e postou. Contando essa história que cê acabou de ouvir. E dizendo que era inaceitável, em pleno século 21, uma homenagem dessas.

O vídeo repercutiu até fora de Nova Veneza. Mas claro que repercutiu mais ainda lá dentro. Muitas mensagens de lá chegaram até o Waldir.

**Waldir Rampinelli:** “A tua família é daqui, tem muitas terras. Por que tu não disse pra tua família entregar as terras para os indígenas?” “Tu não entende nada de história”. [...] “Tu tás traíndo a tua terra...” “Nós vamos aqui fazer um movimento na Câmara de Vereadores para te tornar uma persona non grata”.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Teve um mais exaltado que propôs erguer uma estátua do Waldir: um “monumento ao traidor”.

Teve até ameaça de processo.

O Waldir esperou, até contratou um advogado... mas o assunto acabou morrendo.

**Waldir Rampinelli:** Eu até torci para que fosse processado, porque obviamente que a discussão ia avançar muito mais.

**Flora Thomson-DeVeaux:** No fim, ficou meio que num zero a zero. O Waldir não virou persona non grata, não foi processado, não foi imortalizado como um traidor... mas a homenagem ficou lá. Tá lá até hoje.

Não é uma estátua equestre.

**Waldir Rampinelli:** é um pequeno muro de pedra com uma placa em homenagem a Natale Coral.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Um pequeno muro e um mastro azul gigante, de 18 metros de altura. E no topo...

**Waldir Rampinelli:** Eles colocaram uma baliza topográfica que é um instrumento do agrimensor. E esta baliza está em forma de flecha para representar o povo indígena.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Uma flecha indígena em cima da homenagem ao bugreiro. Um requinte de crueldade. Que nem uma orelha arrancada.

Ninguém nega que aqueles crimes foram cometidos.

Na época, teve gente defendendo a homenagem dizendo que o que o Natale Coral fez tinha que ser entendido dentro do contexto histórico em que ele viveu.

**Waldir Rampinelli:** “É necessário se colocar no século 19, ver como é que os colonos chegaram, qual era a perspectiva deles, enfim, ver a conjuntura vivida naquela situação”. Eu discordo, porque se for assim, passados talvez 400 anos da Segunda Guerra Mundial, possivelmente no ano de 2445, a gente comemora também o encontro da cultura judaica com a nazista na Segunda Guerra Mundial. ‘Afinal de contas, passou tanto tempo. Morreram 6 milhões de judeus? Sim, mas era uma conjuntura, tem que entender

aquilo'. É assim que se faz com os grandes crimes do século 16 na América Latina.

**Txulunh Gakran:** o nosso estado nunca, nunca se envergonhou do que fez. Eu acho, pelo contrário, que ele tem muito orgulho dessa história, e que por isso ele mantém esse ciclo de violência contra a gente.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Essa é a Txulunh Gakran.

**Txulunh Gakran:** meu nome é Txulunh Gakran. Eu sou indígena do povo Xokleng e atualmente eu sou presidente da Associação da Juventude Indígena Xokleng.

**Flora Thomson-DeVeaux:** As vítimas do massacre de Palermo, e de muitos outros ataques naquela época, eram do povo Laklanõ Xokleng.

Um povo que já ocupava aquela região uns cinco mil anos antes do Natale Coral chegar.

**Txulunh Gakran:** o nosso território, no passado, ele compreendia os três estados do sul, indo do oeste do planalto ao litoral. [...] a gente é um povo de cultura matriarcal. As mulheres, elas desempenham um papel muito importante no nosso povo. [...] O nosso povo, ele é tido em várias áreas, vários trabalhos científicos, como um povo nômade. Mas, não, a gente se entende como um povo migrante, porque a gente tem um processo de lidar com a terra que ele tem a ver com a sazonalidade dos alimentos.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Quando a Txulunh ficou sabendo da homenagem ao Natale Coral, ela não ficou exatamente surpresa.

**Txulunh Gakran:** mas... assim, não me choca, sabe? Porque o nosso estado, ele e ele é racista desde o primórdio, desde a concepção do estado de Santa Catarina.

**Flora Thomson-DeVeaux:** É óbvio que aquela praça, aquele monumento não é o único caso de uma homenagem catarinense a um bugreiro ou a um bandeirante.

Mas, nesse caso, era uma homenagem sendo feita fora do tempo.

Mais de um século depois dos crimes cometidos pelo homenageado.

Num momento em que deveria tá claro pra todo mundo que o que ele fez não era nada homenageável.

**Txulunh Gakran:** realmente é uma afronta com a nossa história, né? E tripudiar sobre a nossa dor.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Eu sou de uma cidade nos Estados Unidos chamada Charlottesville. E durante os primeiros anos que eu passei no Brasil, quando eu dizia de onde eu era, quase ninguém reconhecia o nome. Vai, até hoje a maioria não reconhece...

Mas quem reconhece agora faz uma cara meio de paisagem, meio desconfortável.

Porque em 2017, a minha cidade natal virou o palco de uma luta nacional. Tudo em torno de uma estátua.

Essa estátua foi inaugurada em 1924, num parque ali no centro histórico da cidade.

E, pra voltar pra tradição do começo dessa história, ela era uma estátua equestre, de bronze, num pedestal.

Era uma imagem do Robert E. Lee, o general das tropas confederadas na Guerra Civil americana.

O general do lado que lutou pra manter a escravidão.

Por volta de 2016, começou um movimento pra tirar a estátua dele de lá.

Eu já não morava mais em Charlottesville, mas eu fiquei acompanhando à distância.

Tinha algumas das mesmas discussões de sempre.

"Ah, porque a estátua fazia parte da história, não fazia sentido tirar agora, não dá pra apagar o passado", etc e tal.

E quem queria tirar a estátua argumentava que, por mais que ela fizesse parte da história, ela continuava mandando uma mensagem.

A presença dela no centro da cidade não era passado. Era presente.

E tem outra coisa.

Essa estátua também era uma homenagem tardia.

Menos tardia do que a do Natale Coral, mas tardia mesmo assim.

Quando ela foi inaugurada, fazia quase 60 anos que o general Lee tinha assinado a rendição das tropas confederadas.

Ela foi inaugurada numa época de recrudescimento da violência racial nos Estados Unidos.

A época em que o Ku Klux Klan semeou terror por boa parte do país.

Nesse contexto, a estátua não era uma relíquia da Guerra Civil. Ela era um recado em doze toneladas de bronze.

Um lance numa briga que não tinha acabado.

E que não acabou até hoje.

Em 2017, grupos de supremacistas brancos, neonazistas, neoconfederados, tudo do mais puro chorume que você pode imaginar, de tudo quanto é canto dos Estados Unidos, foram até Charlottesville pra protestar contra a retirada da estátua.

Ativistas da cidade se mobilizaram em reação, e o que veio em seguida foi uma batalha campal.

Um dos supremacistas arrancou com o carro no meio da manifestação antirracista, e acabou atropelando e matando uma mulher.

Em 2021, a estátua finalmente foi retirada.

Mudaram o nome da praça, também.

E em julho de 2023, um juiz autorizou um museu da cidade a fazer o que eles tavam pedindo pra fazer há tempos.

Se der tudo certo, vai acontecer com o general Lee o que provavelmente aconteceu com a dona Rosa da Fonseca: ele vai ser derretido pra deixar de ser uma estátua de um general confederado.

Pra virar bronze.

E a ideia é que depois disso, esse bronze vire outra estátua.

Não se sabe qual ainda.

Mas acho que ninguém da minha cidade acha que a ferida fechou.

Estátuas assim são como tumores: até dá pra tirar, mas elas são o sintoma de algo muito grave.

No caso de Santa Catarina, a briga também tá longe de acabar.

**Txulunh Gakran:** O nosso processo está tramitando no STF. Agora ele foi postergado, mas é um processo sobre o nosso território.

**Flora Thomson-DeVeaux:** O processo que a Txulunh tá falando, que tá no STF, tem a ver com a demarcação do território Xokleng.

**Txulunh Gakran:** [...] O nosso território, hoje ele tem cerca de 15 mil hectares, não mais que isso. E a gente está tentando retomar esse e esse, o que vai dar um total de 37 mil hectares. Isso é um território assim que ele é historicamente Xokleng, que já foi inclusive comprovado...

**Flora Thomson-DeVeaux:** A luta pela demarcação não deixa de ser uma continuação do conflito que levou ao massacre de Palermo.

O governo de Santa Catarina argumenta que a terra era pública, e que ela foi vendida a agricultores no final do século XIX.

Mas a gente acabou de saber detalhes dos métodos que eram usados pra liberar essas terras pra venda, né?

O desfecho desse caso tem muita importância pro povo Xokleng.

Mas ele também tem o potencial de afetar todos os povos indígenas do Brasil.

Porque ele tá sendo usado pra julgar o mérito do chamado marco temporal – a tese de que terras indígenas só podem ser demarcadas se elas tavam habitadas por esses povos em 1988, quando a Constituição foi promulgada.

E tem muito lugar que não tava habitado em 88 por causa de séculos de violência, por milhares de incidentes como o Massacre de Palermo.

**Txulunh Gakran:** A gente não estava lá não porque não queria, a gente não estava porque a gente foi expulso.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Eu conversei com Txulunh em julho de 2023. O julgamento no STF tinha sido adiado, mas até a publicação desse episódio, ele tá marcado pra setembro.

**Txulunh Gakran:** Então a gente está bastante esperançoso que a gente vai conquistar o território, mas também com muito medo do que está por vir.

**Flora Thomson-DeVeaux:** A Txulunh tá com medo, porque ela sabe que mesmo se a decisão for favorável, a luta não vai acabar aí.

Os conflitos não vão sossegar da noite pro dia.

A prova disso é que a gente ainda tá lutando até hoje nas trincheiras das guerras do século 19. Das guerras do século 16.

Nos tribunais, nos plenários, e nas praças também.

Eu perguntei pra Txulunh o que que ela achava que devia ficar no lugar do monumento ao Natale Coral.

**Txulunh Gakran:** sempre que acontecem guerras ou algum atentado, algum acidente, muito grave, assim, com os brancos, eles sempre fazem memoriais em lembrança dessas pessoas, né.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Em vez de um monumento, um memorial. Que nem o do World Trade Center, em Nova Iorque. Que nem o do Holocausto, em Berlim.

Pro Waldir Rampinelli, uma parte importante da solução seria ensinar história indígena nas escolas de Nova Veneza.

E isso devia valer pro país todo, vai.

**Waldir Rampinelli:** Passado o tempo, se borra a memória. E a função do historiador é exatamente jogar luz onde tem sombra. [...] Infelizmente, nós aprendemos muito pouco com as lições da história. Se a gente tivesse aprendido um pouco mais, não se cometeriam esses crimes que se comete hoje aqui em Santa Catarina, contra quem é diferente. E... Por isso, então, que a gente lança mão da história para fazer com que essas lições

históricas elas toquem as pessoas. Porque a história às vezes se repete como tragédia e outras vezes como farsa.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Eu perguntei se essa história tava mais pra farsa ou mais pra tragédia.

**Waldir Rampinelli:** As duas coisas, eu diria. As duas coisas. É a tragédia da morte dos indígenas, e é a farsa de querer reabilitar um bugreiro. Não se dão conta estes europeus que quando eles chegaram aqui já havia civilização há 5000 anos. E o pior, eles vieram para cá porque foram cuspidos no mar pelo sistema capitalista europeu que não os queria mais. Foram os pobres que vieram para cá. Morrendo de fome. Graças ao milho e à polenta, eles sobreviveram. E hoje eles repetem a história que os latifundiários italianos, que os industriais italianos, que o governo italiano fez com eles. Eles repetem a história aqui com os povos que estão aqui. Então a história tem que servir para isso. Infelizmente, nós aprendemos muito pouco com as lições da história.

**Flora Thomson-DeVeaux:** Tem tragédia e tem farsa também na batalha de Charlottesville, e no roubo da dona Rosa da Fonseca.

Nos crimes por trás das estátuas e ao redor delas.

O que cabe à gente é reconhecer que o passado não passou, e que as estátuas – por mais que elas não pareçam – elas tão vivas.

Ah, e não esquece de ler a placa.

---

**Branca Vianna:** Essa história foi contada pela Flora Thomson-DeVeaux, diretora de pesquisa da Rádio Novelo.

Obrigada por ouvir mais esse episódio do Rádio Novelo Apresenta.

Essa semana, como sempre, a gente deixou uma seleção de material extra no site. Tem um ensaio que a Flora escreveu pra revista piauí sobre a batalha da estátua de Charlottesville, e tem também uma foto do Augusto Boal e o Abdias Nascimento.

E, quando tiver lá no nosso site, aproveita pra assinar a nossa newsletter, que chega anunciando o episódio da semana, e traz sempre alguma dica cultural da nossa equipe.

Toda semana a gente recebe muitas sugestões de histórias dos nossos ouvintes, e a gente lê todas com muito carinho.

Inclusive, a história das estátuas começou com uma mensagem do Henrique Rondinelli, e outra da Camilla, que é filha do Waldir Rampinelli.

Se você quiser mandar uma sugestão, vai lá no nosso site, no menu, onde tem a seção "envie uma pauta".

O Rádio Novelo Apresenta é um original da Rádio Novelo. A gente tem o apoio da Open Society Foundations.

Tem episódio novo toda quinta-feira.

A direção criativa é da Paula Scarpin e da Flora Thomson-DeVeaux, e a produção executiva é do Guilherme Alpendre.

A gerência executiva é da Marcela Casaca e a gerência de produto é da Juliana Jaeger.

Nossos produtores sênior são o Vitor Hugo Brandalise, a Évelin Argenta, a Bia Guimarães e a Sarah Azoubel.

As produtoras da nossa equipe são a Bárbara Rubira e a Júlia Matos.

A checagem deste episódio foi feita pela Luiza Silvestrini.

A gente teve apoio de montagem da Mariana Leão.

Nesse episódio, a gente usou música original de Arthur Kunz, e também da Blue Dot.

A mixagem é do Pipoca Sound.

O desenvolvimento de produto e audiência é feito pela Bia Ribeiro.

O Gilberto Porcidonio é o responsável pelo conteúdo e engajamento das nossas redes sociais.

O design das nossas peças é do Mateus Coutinho.

Brigada, e até a semana que vem.